

PRODUÇÃO LITERÁRIA NO REINO VISIGODO DE TOLEDO NO SÉCULO VII

Cynthia Maria Valente¹

Resumo: O objetivo desse artigo é mostrar, por meio da produção literária visigoda, como se deu a transmissão do saber e a formação dos escritores desse período. Com isso, demonstramos como a literatura pode contribuir como fonte histórica, ilustrando o universo literário tardoantigo e como ele é capaz de elucidar-nos acerca do período a ser compreendido. Elegemos quatro dos principais autores hispano-visigodos e suas principais obras como fontes deste trabalho. Por meio delas, percebemos que a erudição se concentrava dentro de ambientes episcopais e monásticos e, com raras exceções, estendia-se ao universo régio e aristocrata. O artigo pretende, portanto, contribuir para a discussão acerca da interação entre História e Literatura, o papel da última como fonte histórica, além de demonstrar o ambiente literário visigodo durante o século VII.

Palavras-chave: Literatura e História, Hispania Visigoda, século VII.

LITERARY PRODUCTION IN VISIGOTH KINGDOM OF TOLEDO IN THE SEVENTH CENTURY

Abstract: The purpose of this article is to show, through the Visigothic literary production, how the transmission of knowledge and the formation of the writers of this period took place. We demonstrate how literature can contribute as a historical source, depicting the literary universe of the late antiquity and how it is able to elucidate us about the period to be understood. We chose four of the main Hispano-Visigoth authors and their main works as sources for this article. Through them we realize that scholarship was concentrated within episcopal and monastic environments and, with rare exceptions, extended to the royal and aristocratic universe. The article intends to contribute to the discussion about the interaction between History and Literature, the role of the latter as a historical source, as well as to demonstrate the Visigothic literary environment during the 7th century.

Keywords: Literature and History; 7th century; Visigothic Kingdom of Toledo.

¹ Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: cmariavalente@yahoo.com.br

Introdução

O escritor francês Marcel Proust dedicou seus sete volumes da magistral obra *Em Busca do Tempo Perdido* à questão da memória. Através do sabor das *madeleines*, doce tipicamente francês, o protagonista viaja por um tempo perdido, por locais e personagens que passaram por sua vida². A narrativa proustiana nessa obra se mescla com fatos e personagens históricos, como o Caso Dreyfuss³ e a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Pelas páginas de sua obra, podemos tomar conhecimento dos costumes da sociedade parisiense na virada do século XIX para o século XX, de forma irônica, o escritor, que vivenciou esse período, traduz o final da *Belle Époque*⁴. Poderia, então, o historiador utilizar essa obra como fonte histórica?

A relação entre história e literatura é motivo de discussão há muito tempo. Jacques Revel nos afirma que o historiador, desde Heródoto, não só procurou observar e interpretar aquilo que ele pretendia retratar, mas necessitava de um recurso narrativo para prender a atenção do leitor e fazê-lo compreender a análise contida no texto histórico.

A utilização de uma obra literária como fonte pode fornecer-nos elementos contextuais acerca do autor que a escreveu. Mesmo porque a nossa escrita é embutida de elementos da nossa escolha, consciente ou inconsciente, permeado com o período histórico em que vivemos.

A História, como qualquer ciência, apresenta diversas linhas de análise, que acabam dominando a produção científica de um determinado período:

De Heródoto (século V a.C.), citado por Aristóteles, para o milênio em que estamos, ela foi evocação, narrativa do memorável, exaltação de feitos grandiosos, relato de grandes batalhas, de reinados, de feitos que fizeram alguns homens ilustres..., mas há muito já não é mais isso. Ao longo do século XX, talvez pela insistência de outrora nos relatos de acontecimentos, novas fontes, abordagens e problemas inundaram o campo do historiador, que passou a desmerecer os indivíduos pelos grupos, e as narrativas

² PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido*. v. 1, 3ª edição. Rio de Janeiro: Globo, 2013.

³ BEAGLEY, Louis. *O Caso Dreyfus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴ EUGEN, Weber. *França Fin de Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

pela análise de estruturas e conjunturas. Mas, liberta do policiamento de um paradigma de intenso fulgor no século passado – fato dos *Annales* – a História hoje recuperou acontecimentos, indivíduo e narrativa.⁵

Não nos parece que a narrativa tenha desaparecido, concordamos que ela foi redefinida. Os *Annales* visavam a História dos grandes movimentos, da longa duração, sendo assim, a narrativa, vista como inseparável dos feitos heroicos ou trajetórias biográficas, tão comuns na história positivista, foi vista como uma ferramenta de menor valor histórico.

Hoje o historiador flerta com recursos literários e artísticos, mas a literatura nunca deixou de flertar com o registro histórico⁶, exemplo da obra de Marcel Proust citada acima.

Para trabalharmos com fontes literárias, o historiador utiliza os mesmos métodos usados em outros tipos de fontes, o método investigativo sobre as características históricas de autor e obra serão sempre levadas em consideração, o historiador não deixará de analisá-las e investigá-las.

Sobre alguns períodos históricos, os documentos que nos chegam muitas vezes são de caráter literário, o aperfeiçoamento e facilitação de formas mais dinâmicas de reprodução escrita deram um novo impulso à transmissão de conhecimento, cultura, artes e história.

Produção literária tardoantiga

O período tardoantigo presenciou mudanças na produção literária: o rolo helenístico, conhecido como *volumen*, foi sendo substituído pelo *codex*, o códice romano, que se assemelhava ao que hoje conhecemos como livro. A mudança trouxe maior facilidade para a leitura, escrita e transporte das obras. E garantiu uma maior difusão do saber a partir de então⁷.

⁵ GUIMARÃES, Marcela. *Capítulos de História: o trabalho com fontes*. 1ª edição. Curitiba: Aymará Educação, 2012. p 112.

⁶ *Ibidem*, p. 114.

⁷ CABALLO, Guglielmo. *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo. Guía histórica y crítica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995. p. 111.

Segundo Guglielmo Caballo, os cristãos estavam construindo um modo próprio de passar o conhecimento, diferenciando-se das culturas pagãs⁸.

Los siglos IV-V marcaron así en todo el mundo romano-bizantino, aunque con cierto desajuste diacrónico entre Oriente y Occidente, el paso a una nueva “cultura del libro” y las razones deben buscarse en la otra estructura que era soporte de la producción libraria de la Antigüedad tardía: la cristiana.⁹

Desde os seus primórdios, o cristianismo prezou pela formação intelectual dos membros de sua Igreja. A formação de clero visava a aperfeiçoar a evangelização dos povos que praticavam o paganismo ou algum tipo de interpretação herética das escrituras.

Com a crise do Império Romano e a chegada de outros povos ao Império, tornaram-se necessárias também a adoção de formas mais modernas de compilação de textos, além da formação de membros do clero que fossem formados na compilação das obras cristãs que circulavam no território.

Em uma época em que o saber se concentrava nas mãos de poucos, os membros eclesiásticos, por sua intelectualidade, estavam quase sempre na situação de líderes da comunidade em que atuavam. Sendo assim, o clero católico foi fortalecendo-se intelectualmente com o objetivo de ganhar fiéis e um lugar dentro dos reinos romano-bárbaros que se formaram em antigos territórios romanos, entre os séculos II e VIII¹⁰.

A comunidade eclesiástica será detentora de poder e também mantenedora do poder régio, mesmo que muitas vezes os dois grupos entrem em choque. Uma nova concepção de governo começa a ser pensada, e uma nova identidade também começa a ser construída. Esse papel será desempenhado com maestria pelos clérigos dessa Igreja em ascensão.

A união entre Igreja Católica e o reino seria necessária, inclusive para a sacralização do poder real, o qual daria suporte para a liderança que exerceria o

⁸ *Ibidem*, p. 113.

⁹ *Ibidem*, p. 133.

¹⁰ FRIGHETTO, Renan. *Antigüedad Tardia. Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa Época de Transformações. Séculos II-VIII*. Curitiba: Juruá, 2012.

monarca para com seus súditos. Tomemos como exemplo o Reino visigodo de Toledo, convertido ao catolicismo em 589 pelo rei Recaredo, depois de muitas batalhas teológicas e uma rebelião sucessória envolvendo arianos, fé professada pelos godos, e católicos, em maioria hispano-romanos.

Responsável, em grande parte, por essa unificação, que não foi somente religiosa, ela visava também à centralização do poder real, a Igreja visigoda passou a exigir uma formação intelectual exemplar para seus membros. Para isso, o clero achou melhor organizar essa instrução em escolas ou monastérios, para que dali saísse aqueles que iriam evangelizar e liderar a sede religiosa de uma província.

A instituição monástica foi um importante centro de formação intelectual. Quando pensamos em vida monástica, pensamos em reclusão, não necessariamente o afastamento pregado pelos Padres do Deserto, eremitas e ascetas do século III, mas uma vida de reclusão em comunidade.

O poder que emanava dos monastérios tinha também relação com a própria característica de sua edificação. Como eram espaços murados e habitados por pessoas que dialogavam com o sagrado, tais espaços eram vistos também como zonas fronteiriças, ou seja, um pedaço do paraíso na terra. Homens considerados santos e que acabavam tendo muita influência na população.

Monges eram homens de fronteira, habitando uma zona fronteiriça simbólica. Para Peter Brown, os espaços considerados vazios acabam por representar o paradigma monástico de um mundo despojado de suas estruturas conhecidas¹¹.

Os monastérios da *Hispania* visigoda tiveram influência de exemplos vindos do Egito, Cartago, Palestina, Roma e Lerins, eram muitas as regras e normas, portanto Isidoro de Sevilha resolveu adaptá-las à realidade peninsular escrevendo as *Regula monachorum*. O ascetismo praticado nos monastérios consistia

¹¹ BROWN, Peter. *Antiguidade tardia*. In: ARIÈS, P.; DUBY, Georges. *História da Vida Privada, do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.278.

primeiramente no abandono da vida material e da família, vivendo em regime de entrega total a Deus, como nos esclarece Rivera Récio¹².

A Igreja, impulsionada pela necessidade de aumentar o número de fiéis e garantir sua crescente influência dentro do Reino visigodo de Toledo, investiu na criação de dois modelos de educação para os jovens, homens em idade de iniciar seus estudos: as escolas episcopais e as escolas monásticas.

Muitas vezes, as famílias escolhiam para seus filhos as escolas episcopais. Porque, diferentemente da vida monástica, o pretendente não precisaria abandonar família e bens para seguir um ideal ascético despojado de tudo. Na escola episcopal, ele poderia inclusive optar por uma saída e não seguir a vida clerical.

Desde que o ensino laico passou a ser substituído por um ensino com matizes cristãos, as disciplinas também foram sofrendo uma transformação. Matérias consideradas pagãs, como a oratória, a retórica e a gramática, eram usadas desde que favorecessem a compreensão e o ensinamento das Escrituras. Não é que as matérias clássicas tenham sumido completamente, elas passaram a ser utilizadas apenas pelos clérigos para darem apoio ao estudo cristão.

O bispo Isidoro de Sevilha é categórico quando afirma que sem as ciências profanas não se pode conhecer as Escrituras, mas para ele, os livros pagãos seriam muito perigosos se fossem lidos por monges ou pessoas sem preparo: ele defendia o estudo dessas obras para aqueles que compreendessem que “*el límite de la ciencia es la Escritura*”.¹³

A preocupação com a formação clerical demonstrava que a Igreja estava travando uma luta pelo controle do saber e do ensino, pois não poderiam continuar nas mãos de retores pagãos que trabalhavam os clássicos. Uma das primeiras

¹²RECIO, José Francisco Rivera. *San Ildefonso de Toledo. Biografía, época y posteridad*. Madrid: BAC, 1985. p 64.

¹³ DOMINGUEZ DEL VAL, Ursicino. *Cultura y Teología en la España Visigoda*. Salamanca: Salamanticensis, 1970. n. 18, p. 593.

medidas então foi requisitarem as bibliotecas dos mesmos, para, logo em seguida, transferirem para o controle da Igreja o ensino.¹⁴

Erudição no reino visigodo de Toledo

No II Concílio de Toledo, em 531, o cânone I expõe sobre a organização dos estudos clericais em uma instituição escolar. No IV Concílio, de 633, o cânone 25 condena a ignorância dos bispos, afirmando que ela conduz a erros que não devem ser cometidos por aqueles que têm como ofício serem pastores de Deus e propagadores da sua palavra.

Canon XXV. Que los obispos conozcan las sagradas Escrituras y los cánones. La ignorancia, madre de todos los errores, debe evitarse sobre todo en los obispos de Dios que tomaron sobre si el oficio de enseñar a los pueblos. La sagrada Escritura amonesta a los obispos para que lean, cuando el apóstol san Pablo dice a Timoteo: “Ocupate en la lectura, en la exhortación y en la enseñanza, y sé constante siempre en las tareas”: y conozcan, por lo tanto, los obispos, la escritura santa y los cánones, para que todo su trabajo consista en la predicación y en la doctrina y sea la edificación de todos, tanto por la ciencia de la fe como por la legalidad de su conducta.¹⁵

O clero visigodo se organizou através de escolas episcopais e monásticas, que foram contribuindo para o fortalecimento da ortodoxia, porque essa Igreja em construção necessitava de uma organização intelectual, como podemos perceber no cânone VIII, do VIII Concílio de Toledo, que proíbe a ordenação de clérigos com pouca ou nenhuma instrução.

Cânone VIII. En la octava discusión encontramos que algunos encargados de los oficios divinos eran de una ignorancia tan crasa, que se les había probado no estar convenientemente instruidos en aquellas órdenes, que diariamente tenían que practicar. Por lo tanto, se establece y decreta con solicitud que ninguno en adelante reciba el grado de cualquier dignidad eclesiástica sin que sepa perfectamente todo el salterio, y además los cánticos usuales, los himnos y la forma de administrar el bautismo; y aquellos que ya

¹⁴ SERRANO, Rosa Sanz. *História de los Godos. Una epopeya histórica de Escandinavia a Toledo*. Madrid: Esfera de los libros, 2010. p. 502.

¹⁵ CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANO. Ed.: José Vives. Madrid: CSIC, Instituto Rodriguez Flores, 1963. p.18.

disfrutan de la dignidad de los honores, y sin embargo padecen con la ceguera de una tal ignorancia, o espontáneamente se pongan a aprender lo necesario o sean obligados por los preladados, aun contra su voluntad, a seguir unas lecciones.¹⁶

Aos poucos, pedagogos foram substituídos por sacerdotes, que controlaram o acesso de seus pupilos aos autores clássicos, fazendo com que, em sua maioria, os alunos utilizassem os escritos da patrística. O ensino religioso e cristão foi substituindo o ensino clássico.

Com o ensino controlado pela Igreja, cabia a ela a decisão do que seria ou não necessário aprender. Para compreendermos a modificação que se deu nesse âmbito, com a regulação das matérias consideradas pagãs, e a ênfase em disciplinas relacionadas a um estudo religioso.

As autoridades clericais que se formavam dentro das escolas episcopais e dos mosteiros saíam com uma grande carga intelectual. Em muitas situações, essa sólida formação poderia ocasionar uma dominação intelectual em algumas esferas do poder, com clérigos altamente formados e instruídos na ortodoxia e, portanto, fortes defensores da mesma, cobrando que esta fosse seguida sem erro: “No final do século III os bispos cristãos e o clero tornam-se, aos olhos de seus admiradores, uma elite igual em prestígio às elites tradicionais dos notáveis cidadãos”¹⁷.

O ritual de estudo era levado a sério dentro das comunidades monásticas hispano-visigodas, os códices para estudo eram preservados dentro dos edifícios monacais, os monges tinham horários para o manuseio e empréstimo das obras. Existia uma pessoa dentro do recinto responsável pela segurança, organização e cuidado dos manuscritos, que era o sacristão¹⁸, ele também era quem fiscalizava quais obras seriam ou não emprestadas, já que as bibliotecas também continham obras de autores pagãos, essas não poderiam ser lidas por qualquer monge,

¹⁶ *Ibidem*, p. 24.

¹⁷ BROWN, Peter. Antiquidade tardia. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada, do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 278.

¹⁸ FRIGHETTO, Renan. *A comunidade vence o indivíduo. A regra monástica de Isidoro de Sevilha (século VII)*. Curitiba: Prismas, 2016. p. 171.

somente por indivíduos capacitados para tal, que provavelmente eram o Abade e o Bispo, juntamente com um ou outro autorizado por ambos.

Isidoro de Sevilha justifica que nem todos os espíritos estão preparados para a leitura dos clássicos – para isso, teriam que passar por uma formação espiritual e intelectual que proporcionasse a compreensão de que os clássicos jamais poderiam sobrepor-se à importância e a veracidade das Escrituras.

Sobre a leitura e estudo das obras pagãs, voltamos a ressaltar que era reservada; a tradição monástica aconselhava que fossem consultadas com parcimônia e de maneira reservada, jamais seria tolerada uma manifestação cultural direta de tais obras.¹⁹

Isidoro de Sevilha era proveniente de uma família de origem hispano-romana; além dele, seus outros três irmãos ocuparam altos cargos na hierarquia eclesiástica. Fulgêncio foi bispo de Écija, Leandro foi bispo de Sevilha, e Florentina, abadessa de um mosteiro feminino na região de Sevilha.

Isidoro foi formado em um ambiente de grande erudição, a escola episcopal de Sevilha, dirigida pelo irmão Leandro. O objetivo desses centros de saber era formar novos quadros para a comunidade eclesiástica, “mestres e educandos viviam numa espécie de comunidade que estaria situada entre a condição monástica e a vida clerical secular”²⁰. A educação recebida pelos presbíteros nas escolas episcopais combinava disciplina escolar e uma forte formação intelectual.

[...] Se explica así por qué los obispos se convirtieron en los nuevos dirigentes políticos de su tempo. Basta leer la rica producción epistolar de los obispos de esta época para comprender la inagotable y variopinta capacidad de acción que estos hombres desarrollaban [...] ²¹

As disciplinas formais ministradas nas escolas episcopais herdaram as metodologias de ensino da antiguidade clássica, conhecidas como *Trivium* (ensino

¹⁹ DIAZ Y DIAZ, Manuel C. La Transmisión de los Textos Antiguos en la Península Ibérica en los Siglos VII-XI. In: *La Cultura Antica nell'Occidente Latino del VII all' XI Secolo*. Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo. Spoleto, XXII-1, 1975.

²⁰ FRIGHETTO, p. 69.

²¹ TEJA, Ramón *apud* FRIGHETTO, Renan, *ibidem*, p. 70.

de gramática, retórica e lógica ou dialética) e do *Quadrivium* (ensino de aritmética, música, geometria e astronomia). Fazendo parte do sistema de aprendizagem e erudição clerical, ressaltaremos o exemplo das bibliotecas de dois importantes centros urbanos da *Hispania* tardoantiga: as bibliotecas de Sevilha e Toledo.

Sevilha, no período isidoriano, era uma cidade de grande importância, principalmente no que se refere ao ambiente católico, Leandro de Sevilha, então bispo da cidade, era muito próximo do Papa Gregório Magno, o que garantia a Sevilha relações mais próximas com Roma.²²

Com relação às obras disponíveis na biblioteca episcopal de Sevilha, estudiosos levantaram algumas hipóteses que poderiam confirmar a existência de alguns códices nesse edifício, tarefa com algumas lacunas e de difícil diagnóstico, já que as fontes do período são escassas. Manuel Diaz y Diaz comenta sobre a falta de respostas para o destino dos códices dessa biblioteca após a morte de Isidoro de Sevilha: poderiam ter sido levados a Toledo ou sofrido outro tipo de dano?²³

No que se refere a Toledo, a situação difere um pouco, por ter se tornado sede do poder régio, não podemos pensar apenas nas bibliotecas monásticas, como obviamente a do Monastério de Agali – a crescente organização e centralização régia levou à produção de atas, leis e manuais que deveriam ser manipulados por membros laicos ligados à corte.

Em Toledo, tanto a chancelaria eclesiástica quanto a régia apresentaram bibliotecas onde especialistas de cada área pudessem trabalhar, ainda Diaz y Diaz ressalta a existência da biblioteca de um nobre conhecido como Conde Lorenzo²⁴. Percebemos que, embora com características urbanas diferentes, Sevilha e Toledo nos apresentaram maneiras diferentes de como os códices eram oferecidos e sua disponibilidade durante o reino visigodo de Toledo.

A partir dos exemplos de Toledo e Sevilha, destacamos alguns autores do século VII que frequentaram as bibliotecas e os ambientes dessas localidades. Suas obras foram produzidas através do seu contexto de formação erudita, que

²² DIAZ Y DIAZ, p. 135.

²³ *Ibidem*, p. 142.

²⁴ *Ibidem*, p. 143.

compreende esses dois centros urbanos. Começaremos com Isidoro, bispo de Sevilha.

Dentro da produção literária de Isidoro, citamos as obras de cunho histórico, como *Crônica e História dos godos*; as de caráter dogmático, como *Livro dos números* e das *Alegorias*, além *Da fé católica contra os judeus*; as de cunho pastoral, como os três livros das *Sentenças*, uma regra monástica, e sua monumental obra de cunho enciclopédico, que compreende vinte livros, as *Etimologias*.

Em sua totalidade, as obras de Isidoro são fontes históricas para todo historiador que se dedica ao período tardoantigo – citamos em especial *Etimologias*, por dois motivos, o primeiro é sobre seu conteúdo, que consiste em “um caráter enciclopédico, reunindo todos os conhecimentos, usos e costumes oriundos da tradição cultural romana que ainda eram utilizados no tempo de Isidoro de Sevilha”.²⁵

Outra característica apresenta essa obra, em sua primeira redação aparece a dedicatória ao rei visigodo Sisebuto: “*Como te he prometido te envío ahora la obra acerca ‘Del origen de ciertas cosas, recopilada con el recuerdo de antiguas lecturas’. Por eso, en algunos pasajes aparece anotada de acuerdo con lo que habían escrito nuestros antepasados*”²⁶. Com o monarca visigodo, considerado um príncipe erudito, Isidoro de Sevilha manterá uma ligação literária e de grande afinidade entre esses dois personagens da história do reino visigodo de Toledo.

O historiador José Orlandis cita Sisebuto como mecenas da época isidoriana²⁷. Seu reinado tem início em 612, posição que ocupou até sua morte em 619. Nesse período estabeleceu com o bispo Isidoro de Sevilha uma relação pessoal de admiração mútua: para o bispo hispalense, Sisebuto “*fue brillante en su palabra, docto en sus pensamientos y bastante instruido en conocimientos literarios*”.

²⁸

²⁵ *Ibidem*, p. 75.

²⁶ San Isidoro de Sevilla *apud* ORLANDIS, José. *Semblanzas Visigodas*. Madrid: Ediciones RIALP, 1992. p. 112.

²⁷ *Ibidem*, p. 105.

²⁸ *Ibidem*, p. 106.

O monarca pediu a Isidoro que escrevesse um tratado sobre o universo, que foi intitulado *Liber de natura rerum* ou *Liber rotarum*, é um livro de ciências naturais dividido em três partes fundamentais: os primeiros oito capítulos tratam cronologicamente dos dias, das semanas, dos meses e das estações do ano; os capítulos seguintes, do nono ao vigésimo, discorrem sobre o cosmos e os vários átrios, o mundo, o céu, os planetas, o sol, a lua, as estrelas. A última parte é sobre o estudo dos terremotos e fenômenos climáticos, como trovões, raios, arco-íris, a classe dos ventos. A obra termina com um poema em hexâmetros de seu rei Sisebuto e que é recebido como um epílogo incluído nas muitas cópias feitas do tratado isidoriano.

Isidoro procurou escrever de modo racional e “científico”, fala de todas as questões que preocupavam o pensamento tardoantigo. Partindo sempre do princípio de que as ciências devem servir de ponto de partida para a elaboração de uma boa teologia, pois isso facilita uma maior compreensão das Sagradas Escrituras, o bispo hispalense procurou oferecer aos clérigos e estudiosos de escolas monásticas uma melhor compreensão das ciências naturais.

Como consequência, o livro também é uma boa ferramenta para combater superstições, Isidoro comenta no prefácio que “o conhecimento da natureza não é realmente uma ciência supersticiosa, exceto que deve ser considerado como um objeto de uma ciência saudável e sóbria”. Sobre este último, há um dado que pode nos oferecer um caminho para datar mais concretamente o trabalho: o eclipse total do sol que pôde ser observado em todo o reino visigodo de Toledo na tarde de 2 de agosto de 612.

É fácil imaginar o impacto que um evento como este eclipse solar (e também os dois eclipses lunares do ano anterior) produziu em uma população inclinada a interpretar esses fatos como sinais apocalípticos. Nessa obra há citações de autores cristãos e pagãos, como Caio Júlio Higino, escritor latino, e Arato de Solos, poeta grego, ambos com obras sobre astronomia. Além dos padres da Igreja Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona, influenciadores teológicos de Isidoro.

O livro também contém sete ilustrações, quase todas em forma de círculo, para esclarecer alguns aspectos da exposição, devido a isso passou a ser conhecido também como *Liber rotarum*²⁹. Há uma cópia desse tratado, escrita em latim e de modo carolíngio e procedente do século XI, de posse do Museu Episcopal de Vic em Barcelona.

O rei Sisebuto não se limitou apenas a impulsionar as letras, ele mesmo se dedicou à escrita de obras importantes, como *Carmen de luna*, um poema onde o tema é o eclipse lunar, e a hagiografia *Vida y pasión de San Desiderio*.

Em *Carmen de luna*, Sisebuto pensou em contribuir para a compreensão do fenômeno do Eclipse Lunar, dando ao mesmo um caráter científico, deixando de lado lendas e superstições do período acerca do fenômeno. O poema atribui o escurecimento da lua à interposição da terra, que impede seu satélite de receber a luz solar. Sisebuto ainda dá ao poema alguns dados sobre o período que está passando seu governo: aludindo ao eclipse, coloca-se no lugar da lua, e a terra, no lugar das preocupações terrenas.

Sisebuto parece usar a escrita como forma de afastamento das preocupações causadas por problemas reais, principalmente as rebeliões do norte hispânico, onde bascos e cantábricos viviam antagonizando-se com a sede régia.³⁰

Pero, a nosotros, el peso de los enojosos asuntos nos abruma. Nos, no escuchamos sino el ruido importuno del hierro y los gritos de millares de soldados. Las arengas de los generales nos en ardecen, y en el foro resuenan los clamores de guerra. Las trompetas suenan y conseguimos volar más allá del Océano. El vascón desde las nieves y el cántabro em sus montañas, no nos dejan ningún reposo.

³¹

A obra hagiográfica de Sisebuto, *Vida y pasión de San Desiderio*, narra de modo santificado o martírio de São Desidério, bispo católico de Viena, que morreu martirizado em 603. Sua morte ocorreu durante o reinado de Teodorico II (em

²⁹ San Isidoro de Sevilla. *De natura rerum*. [S.l.]: c. 1130-1174. Disponível em: <https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Harley_MS_3099>. Acesso em: 24 fev. 2019.

³⁰ ORLANDIS, José. *Semblanzas Visigodas*. Madrid: RIALP. 1992, p. 114-115.

³¹ Sisebuto. *Poema astronómico*. Disponível em: <https://astronomicum.blogspot.com/2009/05/el-poema-astronomicum-del-rey-sisebuto.html>. Acesso em: 24 fev. 2019.

francês: Thierry), neto da rainha Brunhilda, ambos serão considerados culpados por Sisebuto pela morte do bispo.

A hostilidade do rei visigodo para com a rainha merovíngia é explícita: “*Era de noble prosapia pero mente deforme, justa en sus palabras y torva en sus acciones, honesta de nombre pero deshonestísima en sus obras, vacía de bondad y llena hasta los bordones de maldades, enemiga de la verdad y nunca limpia de crímenes*”.³²

O cunho político da obra se explica pela sempre delicada relação entre visigodos e francos, é certo que durante o reinado de Sisebuto, Brunhilda e seu neto já haviam desaparecido, e o reino da Borgonha estava sob a liderança de Clotário II, rei da Nêustria.

Muy posiblemente Sisebuto perseguía con ello la continuación de la tradicional política de alianza y amistad con Clotario y Neustria, ya iniciada por Gundemaro. Política tanto más necesaria para la seguridad de Septimania, ahora que las fuerzas francas se encontraban unificadas en manos de un solo monarca³³.

Sisebuto fica como o grande exemplo de erudição dentro da corte, já que em sua grande maioria, as produções literárias do período que abrange o reino visigodo de Toledo ficaram nas mãos dos membros monásticos e episcopais.

Em que pese Isidoro de Sevilha ser um erudito como poucos, e o grande pensador no que abrange o reino visigodo de Toledo, outros membros eclesiásticos, produziram obras de peso, como Ildefonso de Toledo, escritor do *De virginitate perpetua sanctae Mariae*, obra largamente reproduzida ao largo dos séculos tardoantigos e medievais, em que o mesmo defende categoricamente a virgindade de Maria como mote de postura ortodoxa frente aos judeus, encarados no período de Ildefonso, primeira metade do século VII, como os grandes inimigos da fé católica. A natureza do tratado dogmático de Ildefonso de Toledo acerca da virgindade perpétua de Maria era uma resposta de fé àquelas crenças que para ele desafiavam a ortodoxia católica.

³² *Ibidem*, p. 115.

³³ FONTAINE, J. *apud* DIAZ Y DIAZ, P.R. Tres biografías latino medievales de San Desiderio de Viena. *Revista Canaria de filología, cultura y humanidades*. La Laguna, n. 5, p. 215-252, 1993.

De cunho teológico, a obra reflete o pensamento do abade Ildefonso frente aos problemas enfrentados pela Igreja, ainda em construção e insegura perante tantos embates teológicos e heresias ocorridas nesses primeiros séculos cristãos. Ildefonso deixa claro, também nessa obra, a influência que teve de Jerônimo de Strídon, Padre da Igreja.³⁴

É necessário ressaltar a formação monástica de Ildefonso, comprovando a grande capacidade de erudição desses centros de vida religiosa. A formação intelectual de Ildefonso dentro do mosteiro de Agali garantiu a ele o acesso direto às obras que fizeram sua formação dogmática e teológica, que iam além do estudo das Escrituras, estudando muito as obras de padres e doutores da Igreja, como Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Jerônimo de Strídon.

Foi no mosteiro de Agali, localizado nos arredores de Toledo, onde o bispo fez seus votos monásticos e se tornou, anos depois, abade do mesmo local, um centro religioso de muito prestígio: *“El agaliense el más famoso, el más potente y también el más antiguo [...] la presencia del monasterio agaliense tiene para Toledo una importancia capital que, en buena parte, determinará incluso las tensiones y problemas que se producen a lo largo del siglo VII”*³⁵.

A atuação política e eclesiástica dos membros agalienses dominou os espaços episcopais durante o século VII, o que foi conhecido como “dinastia agaliense”, segundo José Orlandis³⁶, referindo-se à posição proeminente que esse monastério e seus prelados alcançaram dentro da Igreja Toledana no decorrer do século VII.

Outro expoente agaliense, Juliano de Toledo, que, assim como Ildefonso, fez sua formação no monastério de Agali, onde se tornou Abade e, posteriormente, bispo de Toledo, Juliano possivelmente era de família judaica, mas já conversa ao catolicismo. Curiosamente, torna-se um perseguidor e crítico incansável da fé

³⁴ VALENTE, Cynthia. *Ildefonso de Toledo e o culto mariano como legitimação da ortodoxia niceísta na Hispania, século VII*. Curitiba, 2015. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.

³⁵ DIAZ Y DIAZ, M. C. *De Isidoro al siglo XI. Estudios sobre la vida literaria peninsular*. Barcelona, 1976. p. 92.

³⁶ ORLANDIS, José. *Estudios de Historia Eclesiástica Visigoda*. Pamplona: EUNSA, 1998. p. 111.

judaica, escrevendo um tratado em que aconselha a todos os judeus que se convertam antes do apocalipse, intitulado *Libros de la sexta edad contra los judíos*.

Sua obra foi muito vasta e, nesse sentido, aproxima-se mais de Isidoro, pois diversificou mais suas produções literárias, foi biógrafo de Ildefonso de Toledo em *Beati Ildephonsi Elogium*, ou *Vida de San Ildefonso*, além de escrever a obra de cunho histórico *Historia Wambae regis*, em que ele narra a rebelião do Duque Paulo contra o rei visigodo Wamba.

A obra mais conhecida e mais difundida de Juliano de Toledo foi sem dúvida *Pronóstico del mundo futuro*³⁷. A obra é considerada o tratado mais antigo sobre escatologia cristã, a abrangência dessa obra foi enorme, como nos mostra a existência de aproximadamente dois mil manuscritos espalhados por bibliotecas europeias, que datam do século IX ao XII. Sua influência foi sentida na *renovatio* carolíngia, na filosofia escolástica e inclusive nos debates entre protestantes e católicos durante os séculos XVI e XVII.³⁸

Conclusões Parciais

O recorte histórico deste trabalho se situa no período entendido como Antiguidade Tardia, período de transição entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média, uma época em que tradições mais antigas herdadas da dominação romana e práticas pagãs originárias de povos autóctones se misturaram com as tradições dos povos bárbaros que se estabeleceram nos territórios antes pertencentes ao Império.

A conjunção dessas culturas se mesclou, dando as características do reino visigodo de Toledo, onde a Igreja Católica e a Monarquia Visigoda lutavam conjuntamente para impor sua cultura e ideologia.

³⁷ OYARZÚN, J. E. *Julián de Toledo, pronóstico del mundo futuro*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2013.

³⁸ BASTIDA, R.S. Julián de Toledo, *Pronóstico del mundo futuro*, ed. José E. Oyarzún, Madrid: Ciudad Nueva (Biblioteca Patrística, 94), 2013, 183 p., ISBN: 978-84-9715-274-7. *Medievalia Revista de Estudios Medievais*, Barcelona, 20/1 (2017), p. 267-312.

A produção literária eclesiástica visigoda foi grande e projetou o reino toledano a um patamar de grande importância e liderança nos códices produzidos e reproduzidos ao largo do século VII.

Essas obras nos mostram um ambiente erudito e letrado, onde a fonte do saber repousava, em sua maioria, nas bibliotecas monásticas e nas escolas episcopais. Os responsáveis pela produção das obras eram os monges copistas, eles o faziam em um espaço denominado *scriptorium*.

Renan Frighetto esclarece que a doação de códices a serem copiados em um monastério trazia benefícios, tanto intelectuais quanto monetários, já que alguns monges seriam aptos ao serviço de copista³⁹.

Por muito tempo, acreditou-se que essa era uma tarefa de monges, mas recentemente, a arqueologia descobriu resquícios de uma matéria-prima usada em iluminuras de obras medievais, o lápis-lazuli, nos dentes de uma monja do século XI no cemitério medieval de Dalheim, na Alemanha⁴⁰. O que levantou a hipótese de ser a mesma uma copista. Embora o espaço temporal e geográfico seja distinto dos nossos literatos Sisebuto, Isidoro de Sevilha, Ildefonso e Juliano de Toledo, tal descoberta levanta a hipótese que em algum monastério visigodo feminino poderia ter existido uma produção de obras feitas por monjas.

Percebemos também que a modificação na forma de reprodução das obras, de rolo para códex, representou um enorme avanço para a produção literária tardoantiga, facilitando desde o transporte e a leitura até a produção dos trabalhos literários, focados nas exegeses, hagiografias e definição de dogmas.

Com a substituição dos pedagogos por sacerdotes cristãos, as escolas clássicas foram desaparecendo, dando lugar às escolas episcopais e monastérios, sendo esses dois lugares os responsáveis pela predominância de bispos entre os escritores do século VI e VII⁴¹.

³⁹ FRIGHETTO, R. *A comunidade vence o indivíduo: a regra monástica de Isidoro de Sevilha (século VII)*. Curitiba: Prismas, 2016, p.119.

⁴⁰ RADINI, A et al. Medieval women's early involvement in manuscript production suggested by lapis lazuli identification in dental calculus. In: *Sciences Advances*. v. 5, n. 1. Washington: 2019. Disponível em: <<http://advances.sciencemag.org/content/5/1/eaau7126>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

⁴¹ SERRANO, R.S. *Historia de los Godos, una epopeya histórica de Escandinavia a Toledo*. Madrid: La Esfera de Los Libros, 2009. p. 504.

A literatura como fonte histórica possibilita que analisemos acontecimentos históricos e as práticas políticas e ideológicas das elites aristocráticas e eclesiásticas no período, a relação entre poderes.

Uma produção literária não é apenas uma narrativa isolada, ela carrega consigo o período que ela foi produzida, além de dizer-nos muito sobre o autor da mesma, sua época e seus pensamentos, as análises dessas produções textuais são feitas a partir da contextualização do período.

A função do historiador é muito semelhante ao do tradutor, esse se coloca à mercê do texto a ser trabalhado, e nós, historiadores, à mercê da fonte a ser analisada, procuramos traduzir esses ecos do passado, com nosso olhar do presente.

As vozes do passado, presentes no documento, objeto, relato ou imagem, foram produzidos dentro de um contexto específico, que não podemos jamais deixar de levar em conta. O que as fontes nos dizem será sempre a indagação do historiador. Elas funcionam como pistas que guiar-nos-ão em direção às respostas de nossas hipóteses.

Recebido em: 31/08/2018
Aprovado em: 20/12/2018